

Futuro das reservas índias divide Funai e sertanistas

As 17 reservas e quatro parques indígenas administrados pela Fundação Nacional do Índio (Funai) totalizam 139 mil quilômetros quadrados de terras, mais de 110 vezes a área do Estado da Guanabara, e transformam essa entidade na maior latifundiária do país depois do INCRA e do IBDF, mas o esquema que os criou está agora sendo

questionado dentro do Governo.

Para os irmãos Vilas Boas, a manutenção das reservas é uma questão de sobrevivência dos índios brasileiros — "que no momento estão esquecidos, principalmente os do Xingu e Amazônia, atualmente sofrendo as invasões e o desrespeito do homem branco nas suas terras", conforme assinala Orlando Vilas Boas.

Parques e reservas

Como diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, o Sr. Paulo de Almeida Machado — atual Ministro da Saúde — considerou ano passado perigosa a manutenção das reservas como política final de proteção ao índio, pois isso — disse — pode levar à existência de concentrações de minorias raciais francamente sujeitas a toda sorte de discriminações.

As terras habitadas pelos índios são para seu usufruto exclusivo, conforme prescreve a Constituição brasileira. Mas a idéia da criação de reservas (um único grupo tribal) ou parques (várias comunidades em convivência pacífica) é relativamente nova e corresponde a uma tentativa, ainda em fase experimental, de preservar os índios de contatos indiscriminados com as comunidades envolventes.

Só em 1910, com a criação do Serviço de Proteção aos Índios, começou a ser delineada uma política nacional de preservação e promoção das minorias raciais indígenas, pois antes disso os índios eram frequentemente vítimas de numerosas perseguições. Após a morte do Marechal Rondon, o SPI ficou sem verbas e

acabou extinto em 1907, em meio a um escândalo.

Fundada para substituí-lo, a Funai traçou uma política indigenista voltada para a criação de parques e reservas — a maior parte dos quais nasceu em 1969 e 1970. As 17 reservas existentes hoje são as dos waimiri-atroari (Amazonas), parakanã (Pará), kararaó (PA), nhambiquara (MT), pareci (MT), irantxe (MT), erikpactsa (MT), tapayuna (MT), aplaka (MT), kalabi (MT), karitiana (Rondônia), xerente (Goiás) e as cinco reservas xavantes em Couto Magalhães, Pimentel Barbosa, Areões, Sangradouro e São Marcos, todas em Mato Grosso. Os parques indígenas são o do Xingu, o do Tumucumaque (no Pará, até a fronteira com o Suriname), do Aripuanã (de Rondônia a Mato Grosso) e do Araguaia (Ilha do Bananal).

A última reserva foi criada em 1972 e depois dela, várias outras iniciativas nesse sentido foram arquivadas. Nem mesmo a reserva dos kreen-akarore chegou a ser efetivada, pois em seu lugar a Funai fez projetos de interdição provisória da área, para impedir o contato dos índios com posseiros, aventureiros e todo tipo de frentes pioneiras.

As relações perigosas

A criação de parques e reservas corresponde à idéia de impedir esses contatos bruscos. Entre os princípios que nortearam essa política, estão a "preservação do equilíbrio biológico e cultural do índio no seu contato com a sociedade nacional" e o "resguardo à aculturação espontânea do índio, de forma a que sua evolução sócio-econômica se processe a salvo de mudanças bruscas."

Tais princípios levaram à divisão dos sertanistas entre os que, como os irmãos Vilas Boas, defendem a manutenção, por quanto tempo for possível, das condições ambientais dos índios, sem introduzir entre eles equipamentos que rompam seu

equilíbrio sócio-econômico; e os que, como Francisco Meireles (morto ano passado), desiludiram-se da idéia do isolamento, considerando inevitável a chegada do desenvolvimento à terra do índio, que por isso deve preparar-se com urgência.

Mas hoje alguns perguntam se a existência da reserva deve ser permanente e se a partir de certo momento ela não se torna um empecilho à integração do índio na sociedade. O Ministro do Interior, Sr. Rangel Reis, chegou mesmo a anunciar, há alguns dias, a eliminação gradativa das reservas, embora isso não signifique, conforme observou, sua extinção indiscriminada.

Criando uma opção

"Só através de áreas compreendidas em parques e reservas — diz Orlando Vilas Boas — será possível realmente manter os índios em seu habitat e ir, lentamente, levando-os ao processo de integração no qual o índio tenha, no final, a possibilidade de uma opção."

Alguns índios, segundo o sertanista, preferem o retorno ao seu meio à integração com os brancos, pois não concordam em abandonar as terras que foram de seus ancestrais durante muitos anos. Orlando também não aceita a afirmação de que o índio seja um empecilho ao desenvolvimento.

"Isso não é verdade", afirma. "Se bem conduzidos, aqueles que já estão no processo de aculturação poderão participar do desenvolvimento. O que temos visto até agora, mesmo em regiões já desenvolvidas — São Paulo, Paraná, Sul de Mato Grosso — é que os índios já poderiam participar. Só não o fazem porque as reservas não têm uma estrutura suficiente para integrá-los. Um programa de grande importância é fazer a integração dos que já estão aculturados, para, que

eles possam participar do desenvolvimento econômico da região."

O antropólogo Roberto da Mata — coordenador dos cursos de pós-graduação do Museu Nacional, PhD em Antropologia pela Universidade de Harvard e autor de vários livros sobre os índios brasileiros — defende a manutenção e integridade das reservas porque o indígena em virtude de suas necessidades culturais, exige grandes áreas para viver. A confinação em espaços reduzidos contribuirá para aumentar as tensões e os problemas dos índios, com drásticas consequências para os seus valores, explica Roberto da Mata. Quanto ao processo de aculturação, o antropólogo admite que se a integração é considerada inevitável, que pelo menos ela seja feita em termos humanos, sem violentar os padrões culturais dos índios.

Alvaro, o mais novo dos irmãos Vilas Boas, acha as reservas "absolutamente necessárias, pois humanizam e humanizam os índios aculturados." Para ele, somente a continuidade e melhoria das reservas indígenas justificaria a existência da Funai.